

ECONOMIA URBANA E REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS EM LONDRINA/PR^{1,2}

OLIVEIRA, Edilson Luis de³

RESUMO: Discutimos o conteúdo, a enunciação e a forma de apresentação das representações midiáticas da economia urbana expressas nos conceitos de informalidade e economia informal, presentes nas edições impressas dos jornais de grande circulação em Londrina/PR, e sua possível influência sobre o debate público em torno desses conceitos. Analisamos mais de 50 textos jornalísticos, sobretudo editoriais e reportagens do caderno “Economia” do Jornal Folha de Londrina, publicadas entre 1996 e 2005. Com base nesse material, analisamos o modo como as representações midiáticas sobre a economia urbana foram construídas nos textos desse importante jornal da região norte-paranaense.

Palavras chave: Economia Urbana, Circuito Inferior, Setor Informal, Representações Midiáticas.

URBAN ECONOMY AND MEDIA REPRESENTATIONS IN LONDRINA/PR

ABSTRACT: We discussed the content, enunciation and framing of the media representations about urban economy expressed in terms of informality and the informal economy, present in the print editions of major newspapers in Londrina, PR, and its effect on public debate around these concepts. We analyzed more than 50 newspaper articles, editorials and news reports especially section "Economy" of the newspaper Folha de Londrina, published between 1996 and 2005. Based on this material, we analyze how the media representations of the urban economy were built in the texts of this important journal of the northern Paraná.

Key Words: Urban Economy, Lower Circuit, Informal Sector, Media Representations.

¹ Uma versão preliminar com alguns resultados dessa pesquisa foram apresentados no XVI Encontro Nacional de Geografia por meio do trabalho intitulado “Circuito Inferior e Mídia Impressa em Londrina/PR”.

² Este artigo é resultante do projeto de pesquisa *(Geo)grafando o território - epistemologias e linguagens: as territorialidades londrinenses na mídia impressa do Laboratório de Arranjos Territoriais e Climatologia Geográfica (LATEC)*. O objetivo central é analisar a abordagem da mídia impressa sobre as territorialidades no e do município de Londrina, entre os anos de 1996 a 2005.

³ Doutor em Geografia Humana, Prof. Adjunto do Departamento de Geociências – UEL, Londrina/PR, edilson@uel.br.

INTRODUÇÃO

Nosso ponto de partida para a análise das representações midiáticas sobre a economia urbana é a teoria dos circuitos da economia urbana (SANTOS, 1979) e, no contexto dessa teoria, o circuito inferior⁴. Neste trabalho, nosso enfoque é o modo como as atividades do circuito inferior são apresentadas no discurso da mídia impressa.

Presentes no espaço intraurbano, as territorialidades do circuito inferior expressam a imbricação de diversas escalas. Elas são definidas por divisões do trabalho superpostas as quais articulam especificidades regionais a processos inerentes ao *acontecer hierárquico* e ao *acontecer homólogo* (SANTOS, 2004). Entranhadas no cotidiano, as territorialidades do circuito inferior são, em geral, opacas aos que não estão diretamente envolvidos nessas atividades. Por vezes, os vínculos e as ações que essas territorialidades suportam transcendem os limites da cidade e estabelecem fluxos que produzem o estreitamento das ligações entre diferentes atores da economia urbana, tanto do próprio circuito inferior, quanto do circuito superior.

Longe dos olhos e da percepção da maioria dos cidadãos, o circuito inferior é produtor de processos econômicos que, em função das dimensões das cidades, podem representar, para milhares de trabalhadores, a possibilidade de encontrar ocupação, de gerar renda e de resistir aos efeitos nefastos da invalidação. Esta é compreendida como a substituição, em caráter permanente, de grupos de trabalhadores considerados inaptos para as exigências voláteis do mercado de trabalho (CASTELLS, 1998, p. 519). Os sujeitos considerados inaptos têm idades variadas; são jovens e também pessoas mais velhas e experientes.

A opacidade das territorialidades do circuito inferior de Londrina está na base da questão que orienta a apresentação deste trabalho, pois não há lugar para contextualização histórica, para análise e para confrontação de diferentes olhares no discurso da mídia impressa. Dessa forma, certos aspectos menos evidentes da dinâmica dos circuitos da economia urbana, principalmente seus os estruturais e particulares, não são considerados nas representações construídas pelo discurso da mídia impressa.

⁴O circuito inferior da economia urbana pode ser definido como o conjunto de atividades econômicas produtoras de bens e serviços e de comercialização. Caracterizam-se por serem as intensivas em trabalho, voltadas para a parcela da população que não tem renda suficiente para consumir produtos e serviços do circuito superior; as de pequenas dimensões, com pouco ou nenhum acesso a crédito bancário, e as dependentes dos mercados locais e regionais, entre outras, conforme a teoria elaborada pelo Prof. Milton Santos em meados dos anos 1970 (SANTOS, 1979).

Aspectos como a funcionalidade, a complexidade e a heterogeneidade do circuito inferior no contexto do desenvolvimento capitalista brasileiro são obliterados das representações midiáticas. No entanto, em virtude de ter havido, nas duas últimas décadas, especialmente após o advento do Plano Real, acelerada e manifesta ampliação das atividades do circuito inferior em diversos níveis da rede urbana brasileira, esse processo evidente e ruidoso foi apresentado pelo discurso midiático como economia informal, trabalho informal e informalidade.

Uma das formas como a mídia capta a existência do circuito inferior é por meio desses termos, os quais carregam construções específicas de ideologia e sentido. Todavia, esses conceitos não coincidem necessariamente com as atividades do circuito inferior, ainda que, sob diversos aspectos, abarquem as mesmas atividades. Além do mais, o circuito inferior está longe de ser o *reino da informalidade* (OLIVEIRA, 2010, p.279). Cabe, então, explicitarmos a divergência entre esses conceitos e a perspectiva teórica dos circuitos da economia urbana.

Essencial destacar que nos fundamentamos na teoria dos circuitos com a intenção de compreender a articulação entre o circuito superior e o inferior e, nesse sentido, tomar a análise da economia urbana a partir de uma perspectiva de totalidade e de seu movimento próprio. Cada circuito é constituído por um conjunto de atividades econômicas com características próprias, mas relacionadas a determinadas inserções nos mercados urbanos (de consumo, de produção, de trabalho). A partir desse ângulo, observamos a particularidade da formação socioespacial de países subdesenvolvidos, a qual, estruturalmente, encontra-se segmentada pela produção simultânea de riqueza e de pobreza, mas não cindida.

Por seu turno, os conceitos de economia informal e informalidade comumente são utilizados sobre uma cisão entre legal e ilegal, formal e informal, cindindo-se a própria economia urbana em compartimentos relativamente estanques. Cada um dos conjuntos é visto em sua dinâmica autônoma, e, no discurso midiático, poucas vezes se analisam os vínculos existentes entre esses conjuntos e menos ainda os aspectos estruturais e funcionais de tais vínculos que, quando mencionados, têm mostrado apenas seus efeitos negativos. Em razão disso, a economia informal é caracterizada como anomalia a ser corrigida, uma espécie de mau funcionamento conjuntural da economia de mercado, fadada a desaparecer em função da volta a um suposto estado de normalidade.

Ao longo do período entre 1996 e 2005, Londrina viveu profunda reestruturação socioespacial, traduzida em transformações importantes na estrutura urbana, na densidade técnica e organizacional do meio construído (SANTOS, 2004) e na dinâmica

de sua economia e divisão social e territorial do trabalho. Podemos apontar, dentre várias mudanças, a expansão físico-territorial da cidade, a estruturação de novas atividades econômicas, o advento e a participação da cidade em novas redes técnicas, a valorização e a desvalorização de diversas parcelas de seu meio construído em função de práticas especulativas no âmbito do mercado imobiliário e a multiplicação de atividades do circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 1979), a exemplo dos camelôs e camelódromos, mototaxistas e centrais de mototáxi. Essas atividades geralmente são tratadas como parte da expansão da economia informal.

As atividades do circuito inferior, especialmente as que acabamos de mencionar, estão ligadas ao aumento das taxas de desemprego e à desvalorização do trabalho ao longo do período analisado (1996 – 2005). Por sua vez, desemprego e desvalorização do trabalho são fenômenos sociais cujo incremento recente decorre da chamada reestruturação produtiva e das políticas neoliberais adotadas no país a partir dos anos 1990 (ANTUNES, 1999).

Segundo Cacciamali e Chahad (2003), sob a égide das políticas neoliberais depois dos anos 1990, o mercado de trabalho no Brasil foi, em grande parte, paulatinamente transformado em um mecanismo transmissor da reprodução da pobreza. Os autores citados enfatizam a queda substancial dos rendimentos do conjunto dos trabalhadores ocupados nas Regiões Metropolitanas pesquisadas pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

Uma das respostas a esse processo de desvalorização e precarização do trabalho foi a multiplicação de ocupações e de empregos de baixa qualificação, remuneração intermitente e, em muitos casos, desprovidos de direitos trabalhistas e da proteção do sistema de seguridade social.

Simultaneamente, multiplicaram-se as pequenas e microempresas, impulsionadas pelas transformações estruturais na urbanização e na economia urbana e também pela ideologia do empreendedorismo, a qual estimulou muitos desempregados e outros tantos que, mesmo na ativa, se viam ameaçados pelo desemprego a iniciar atividades econômicas autônomas (MALAGUTI, 2000).

Do ponto de vista da Geografia, é importante ressaltar que os processos indicados se configuraram de formas distintas no território. Em cidades médias, eles incidiram com força e assumiram aspectos particulares. No caso de Londrina, refletiram especificidades regionais e o próprio dinamismo da economia urbana do município, haja vista sua localização no coração da Região Concentrada (SANTOS e SILVEIRA, 2001) e as sucessivas modernizações que a cidade acolheu ao longo de sua trajetória histórica e geográfica.

No que tange à economia e geografia urbanas de Londrina, houve reestruturação dos circuitos da economia urbana. Verificamos significativa ampliação do circuito inferior por meio da formação de novas atividades e diversas transformações do circuito superior no sentido do aprofundamento do processo de internacionalização das atividades hegemônicas presentes na cidade. Esse conjunto de transformações foi, em maior ou menor medida, registrado e abordado pelos jornais de maior circulação em Londrina, principalmente a expansão das atividades econômicas intensivas em trabalho, voltadas para o consumo da população de baixa renda e realizadas por essa mesma parcela da população.

A construção do discurso da mídia impressa sobre esses processos foi realizada, como já dissemos, em torno das representações sobre o trabalho informal, a economia informal e a informalidade. Tendo em vista que o trato com a elaboração do discurso midiático exige a aplicação de um instrumental teórico específico, lançamos mão de algumas ferramentas básicas do campo transdisciplinar denominado Análise do Discurso (FERNANDES, 2007). Maria do Rosário Gregolin (2003) afirma que a Análise do Discurso se caracteriza pela associação de estudos linguísticos e históricos.

Constituída na França no final dos anos 1960, principalmente em torno dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault a Análise do Discurso nasceu com o objetivo de explicar mecanismos discursivos que embasam a produção de sentidos. Entendo que há uma relação fundamental entre o linguístico e o histórico, esse campo transdisciplinar produziu inúmeras pesquisas que se voltam para a compreensão de como se dá a produção e a interpretação de textos em um determinado contexto histórico, em uma determinada sociedade. (GREGOLIN, 2003, p. 10).

A mídia em geral, e a imprensa em particular, constrói uma relação com o seu público, nesse caso com os leitores, com a intenção de seduzi-los. Eliseo Veron (1985, p. 206) descreve essa relação utilizando a expressão *contrato de leitura*; é uma espécie de metáfora, uma vez que a relação estabelecida entre as duas partes na mídia impressa é, em princípio, voluntária e se dá no âmbito do mercado. No caso dos jornais impressos, entre o discurso específico dessa mídia e os seus leitores se estabelece um *contrato de leitura*, que visa a manter o leitor como um consumidor habitual e também a favorecer a conquista de novos consumidores leitores, conformando o que o autor denomina “*habitus de consumo*”. (VERON, 1991, p. 168).

Segundo Veron (1984) o *contrato de leitura* se baseia na *teoria da enunciação*. Essa teoria nos diz que a enorme semelhança dos conteúdos e formatos na mídia impressa faz as diferenças e a concorrência entre os jornais se darem segundo as formas como os

enunciados são construídos, isto é, de acordo com *as modalidades do dizer* (VERON, 1984). Assim, um mesmo conteúdo, que, no seu sentido isolado e específico, seria relativamente uniforme, pode ser apresentado aos leitores de formas diferentes pelas diversas mídias impressas (jornais, revistas semanais, etc.), tendo efeitos de sentido diversos⁵. Ou seja, informalidade, economia informal e trabalho informal, conteúdos presentes em diversos jornais, são apresentados de forma específica no jornal Folha de Londrina, no qual efeitos de sentido relativamente precisos são construídos.

Fábio Pendiuk e Nelson Rosário de Souza (2009, p. 3), por meio do conceito de agenda-setting, mostram que os meios de comunicação de massa, “*mais do que determinar o que o público pensa, têm um papel crucial na indicação de quais são os temas importantes do momento*”. Desse modo, ***mais do que dizer como ou o que as pessoas devem pensar***, a mídia teria o condão de definir ***em que as pessoas devem pensar***. Dada a importância da mídia em nossa sociedade, os jornais contribuem para a construção de elementos que integram nossas representações da realidade, definindo e delimitando os temas e o espaço da realidade política e influenciando as ações de cidadãos comuns e das elites políticas.

Outro conceito de importância instrumental em nossa análise de como as representações sobre o trabalho informal, economia informal e informalidade foram construídas pela Folha de Londrina entre 1996 e 2005 é o conceito de enquadramento, termo traduzido do inglês “*framing*”.

Utilizada inicialmente por Erving Goffman, em 1974, a expressão *framing* descrevia os esquemas interpretativos que permitem ao público identificar e classificar eventos e informações, facilitando o processo de construção de significados e perspectivas. Quando apropriada por pesquisadores dedicados à notícia, a expressão passou a ser caracterizada como esquemas de construção do conteúdo jornalístico[...]. Segundo Gamson (1985), o que caracteriza o *framing* de notícias são os esquemas de seleção e ênfase aplicados no processamento da informação. Nestes termos, enquadrar seria selecionar alguns aspectos de um evento noticiável e torná-los mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular da interpretação, avaliação e/ou tratamento do tema por parte do público. (PENDIUK; ROSÁRIO, 2009, p. 8).

⁵ A título de ilustração, podemos citar o exemplo comentado por Bakhtin (1992, p. 311), que mostra como a palavra alegria, cujo conteúdo seria em princípio muito claro, referindo-se a um dado estado de espírito, pode, por meio da enunciação, ter o seu sentido alterado: “Toda alegria neste momento é amarga para mim”. A nova inserção da palavra no enunciado produz uma qualidade expressiva que não depende de sua significação isolada.

A partir desses conceitos e dessa base teórica, procuramos explorar os editoriais e os artigos dos Cadernos “Economia” e “Opinião” do jornal Folha de Londrina. Ao todo, foram selecionados **58 textos** publicados entre 1996 e 2005⁶, nos quais se incluem diversos gêneros, como editoriais, artigos de opinião e reportagens. O critério principal de seleção desses artigos foi a menção direta de um dos termos-chave trabalho informal, economia informal e informalidade. Outro critério empregado foi a escolha de gêneros jornalísticos que se destacam por expressar a opinião do jornal, daí a prioridade dada aos editoriais e artigos de opinião.

PRESENCAS E AUSÊNCIAS NAS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS SOBRE TRABALHO INFORMAL, ECONOMIA INFORMAL E INFORMALIDADE

A construção jornalística das representações sobre os conceitos pesquisados será analisada a partir de sua estrutura interna, composta de três partes interrelacionadas: a descrição, a explicação e os desdobramentos.

A descrição presente em diversas matérias dentre os 58 textos analisados é sempre muito sucinta e até mesmo implícita. Em geral, qualquer elemento que remeta à longa duração e ao contexto histórico de formação dos três fenômenos é expurgado dos textos, criando a impressão de que se trata de acontecimentos e fatos sem maiores ligações com determinações estruturais da formação socioespacial. Esse tipo de expurgo dá margem para abstrações e ilações acerca das soluções possíveis e para a caracterização das atividades como vieses da economia de mercado, desvios de rumo que reclamam intervenção capaz de corrigi-los e de evitar seus efeitos nocivos ao bom funcionamento do mercado, havendo referências implícitas ao que seria normalidade.

A descrição do trabalho informal, da economia informal e da informalidade tem como base o par de conceitos legal/ilegal; o adjetivo informal que qualifica os substantivos trabalho e economia remete a essa classificação. Também o termo informalidade, empregado às vezes como substantivo e às vezes como adjetivo, é indicativo de um conjunto de atividades que não obedece aos rigores da lei ou qualifica práticas como a sonegação, a compra de mercadorias de procedência duvidosa, o contrabando, entre outras.

⁶Consultamos os textos publicados entre 1996 e 2005 por meio do **Arquivo online da Folha de Londrina**. Usamos o recurso de busca tendo como parâmetros os termos economia informal, trabalho informal, informalidade.

A formalização das atividades informais é a “*solução*” reiteradamente apresentada pelas reportagens do jornal⁷. Entretanto, o conteúdo desse processo de formalização é pouco explicitado. A redução da sonegação é colocada como uma meta da formalização. Cabe questionarmos se, em atividades perfeitamente legalizadas, o fenômeno da sonegação ocorre também. Afinal, no cotidiano, por vezes, adquirem-se produtos sem a devida emissão de documento fiscal.

Um aspecto da formalização no qual os textos jornalísticos insistem é o da geração de empregos com carteira assinada, de modo possibilitar o acesso dos trabalhadores a certas garantias e direitos presentes na legislação trabalhista. Assim sendo, no que diz respeito ao trabalho informal, as propostas são mais claras. Porém, o dado de que há empregos sendo gerados de maneira informal é simultaneamente utilizado para indicar, com grande insistência, a necessidade de reformas na legislação trabalhista⁸.

A explicação do crescimento desses três fenômenos é, em geral, atribuída à expansão do desemprego. Mas, a partir dessa explicação geral e pouco detalhada, três outros fenômenos recebem grande destaque na cobertura da Folha de Londrina: o

⁷Alguns exemplos de reportagens que tratam do combate a informalidade, da sonegação e do contrabando ou que indicam algum tipo de formalização de atividades:

- SCHOLZ, Cley. Receita prepara ofensiva ao contrabando. Economia. Folha de Londrina, 22 jun. 1998;
- LIVORATTI, Pedro. Workshop da indústria informal já tem programação definida. Economia, Folha de Londrina, 16 out. 1998;
- OTTA, Lu Aiko. Mais de 94% dos empregos abertos em 99 são informais. Geral. Folha de Londrina, 27 jan 2000;
- Folha de Londrina. “Folha Opinião”. Editorial. 19 mar. 2000;
- CASADO, Vânia. Informalidade na construção civil é de 55%. Economia. Folha de Londrina, 24 set. 2003.

⁸Exemplo bem expressivo é o editorial intitulado “Por que não mais empregos”, publicado na seção “Folha Opinião” em 07 de novembro de 1997, que propõe uma revisão corajosa da legislação como panaceia para reduzir o desemprego considerado como a maior preocupação dos brasileiros. Outro editorial, intitulado “O desafio do emprego”, na seção “Folha Opinião” de 07 de janeiro de 1998, diante da redução do número de empregos formais, propõe a redução dos encargos sociais como estratégia de criação de empregos. Essa tendência se manteve no caderno “Folha Opinião” até 2004. Em mais um editorial, “A questão do trabalho informal”, publicado em 08 de junho de 2004, o subtítulo era o seguinte: “*a solução está na mudança da legislação trabalhista*”. A primeira frase do texto é esta: “O trabalho informal deixaria de existir, ou diminuiria sensivelmente, se a legislação trabalhista não fosse tão leonina contra a classe empregadora.” Fica explícita a posição do jornal em relação a quais atores da economia urbana o veículo pretende defender.

excesso de encargos derivado da falta de reformas na legislação trabalhista, a carga tributária em geral e a grande burocracia. Em praticamente todos os artigos, e, principalmente, nos editoriais, os temas da economia informal e da informalidade são construídos negativamente, como exemplos de desdobramentos da excessiva intromissão do Estado no mercado, especialmente dos excessos da legislação trabalhista.

Importante salientarmos que, durante o governo FHC, essa tônica no discurso da mídia foi posta de maneira bastante enfática. Naquele momento, discutia-se a possibilidade das reformas tributária e da previdência, implicando reformas na legislação trabalhista. Os artigos analisados não trazem qualquer indicação sobre o contexto específico da cidade. Os temas e o tratamento das causas da economia informal foram absorvidos da grande mídia nacional. Os especialistas citados foram quase sempre os mesmos, cujos artigos foram publicados nos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, havendo reprodução parcial de matérias publicadas.

Elementos como os impasses da economia urbana de Londrina, as transformações na inserção da região na divisão do trabalho, a proximidade com o Paraguai, a rápida expansão da cidade com a formação de periferias diversificadas e complexas, o aumento da pobreza e o empobrecimento relativo e, principalmente, a inserção da economia informal na divisão do trabalho na escala local são ausências marcantes das explicações sobre o trabalho informal, a economia informal e a informalidade. Outro elemento que se apresentou de maneira escassa nos textos foi a sonegação como estratégia de aumento da lucratividade ou de sobrevivência, prática recorrente também nos negócios legalmente estabelecidos (MALAGUTI, 2000).

Um aspecto a ressaltar é a concessão de um espaço razoável ao drama social implícito na expansão dos três fenômenos feita nos textos jornalísticos. Ao relacionar de maneira constante o desemprego com a expansão do trabalho e da economia informal, os textos e, particularmente, os editoriais indicavam a situação de vítimas atribuída aos trabalhadores dessas atividades. O contrato de leitura (VERON, 1984) e os efeitos de sentido decorrentes desse elemento da explicação das causas dos fenômenos abrem a possibilidade de os textos granjearem a simpatia dos leitores, “anestesiando” a consciência da classe média que participa ativamente do consumo dos produtos da economia informal.

A estrutura urbana da cidade de Londrina, *uma grande cidade média* do interior do país, favorece tal abertura, observada nos textos jornalísticos da Folha de Londrina. O Camelódromo de Londrina, instalado no Centro Principal, e seus clones espalhados em outros pontos de concentração de comércio e serviços, especialmente o subcentro da Av. Saul Elkind – zona norte da cidade –, são elementos da estrutura urbana os quais não nos

permitem esquecer de que a economia informal é parte da vida da cidade, base para geração de emprego e renda, perpetuadora da pobreza, fonte de acesso para a população pobre a mercadorias e serviços que a economia formal não lhes oferta, entre outras questões.

Por fim, os desdobramentos da economia e trabalho informais são o tema com maior espaço nos editoriais analisados. Esse aspecto constitui o *framing*, estratégia definidora do enquadramento do tema, ação por meio da qual a mídia impressa se coloca como capaz de definir não o que as pessoas pensam, mas sobre o que eles devem pensar. Esse tipo de *enunciação* salienta alguns aspectos como desdobramentos preocupantes para o futuro coletivo. Nessa perspectiva, têm grande espaço nos textos da Folha de Londrina desdobramentos da economia informal, tais como a perda de receita, a competição desleal afetando a economia formal, as ameaças sobre a previdência, a formação de um contingente de pessoas idosas sem cobertura previdenciária e, principalmente, o modo como tudo isso pode ser evitado pelas reformas tributária e trabalhista. São estes últimos aspectos os que mais recebem destaque no conjunto dos textos analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a estrutura interna das representações jornalísticas sobre a economia e o trabalho informais e sobre a informalidade em geral apresenta, em seus três elementos, a clara intenção de pautar o debate público, colocando em evidência a necessidade de reformas que atendam aos reclamos de uma economia de mercado travancada pelos excessos da legislação. Em pouquíssimas oportunidades, os textos analisados indicam uma eventual ineficácia de algumas dessas proposições, visto que a redução dos tributos, dos encargos e dos direitos trabalhistas pode não significar um aumento real dos salários e acabar sendo absorvida como aumento da margem de lucro por parte dos empresários.

Verificamos ainda que, em nenhum artigo ou editorial, considerou-se o fato de que, em Londrina, cerca de um quarto das atividades rotuladas como informais é levada adiante por trabalhadores por conta própria e é parcialmente regularizada, com o recolhimento de alguns tributos. Qual seria o efeito da redução de encargos trabalhistas para trabalhadores que se autoempregam e recebem alguma ajuda de familiares?

A ausência de análise dos vínculos entre a economia formal e a informal é outro aspecto que devemos enfatizar. Vista a partir de uma perspectiva de totalidade, a cidade

implica as interrelações entre as atividades formais e informais e a informalidade como prática constante no âmbito da economia dita formal, especialmente nos dias atuais, quando a competitividade se tornou um imperativo para os atores econômicos.

Devemos lembrar que as territorialidades complexas da economia informal, ou do circuito inferior, como preferimos representar essas atividades, guardam fortes relações com processos estruturais inerentes à formação sócioespacial: o consumo dos mais pobres, a necessidade de encontrar ocupação e nem sempre emprego, a mobilização de recursos descartados pelas atividades formais, a complementaridade e a concorrência como o circuito superior e a ausência do Estado na proteção efetiva dos que são invalidados pela reestruturação produtiva.

Podemos afirmar, portanto, com base na análise feita, que o enquadramento dos três fenômenos analisados produzido pelo discurso da mídia impressa em Londrina mantém velada a *territorialidade da economia informal*, elemento revelador da articulação dos aspectos conjunturais e estruturais da produção desses fenômenos como parte da vida da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

CACCIAMALI, M. C.; CHAHAD, J. P. Z. (orgs). **Mercado de Trabalho no Brasil**: novas práticas trabalhistas, negociações coletivas e direitos fundamentais no trabalho. São Paulo: LTR, 2003.

CASTELLS, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHESNAIS, F. **A mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOLHA DE LONDRINA. Arquivo da Folha. Londrina, **Folha de Londrina**, 1996.

FOUCAULT, M.. **A ordem do discurso**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

GREGOLIN, M. R. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

LAUTIER, B. Fixation restreinte dans le salariat, secteur informel et politique d'emploi em Amerique Latine. **Revue Tiers Monde**, Paris, vol. XXVIII, n. 110, p. 347-367, abr./jun. 1987.

MALAGUTI, M. L. **Crítica à Razão Informal**: a imaterialidade do salariado. São Paulo: Boitempo, 2000.

OLIVEIRA, E. L. **Divisão do trabalho e circuitos da economia urbana em Londrina – PR. 2009**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, FFLCH, USP, São Paulo.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: sentidos e fundamentos**. Campinas: Pontes, 2005.

PENDIUK, F.; SOUZA, N. R. Cenário Político Curitibano: a imagem da cidade na mídia e a introdução de um novo perfil de liderança. In: I Seminário Nacional Sociologia & Política: Sociedade e Política em Tempos de Incerteza, GT 3: Mídia e Política, 2009, Curitiba. **Anais...** Disponível em: < [http://www.humanas.ufpr.br/evento/ SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT3/EixoI/cenario-politico-curitibano-FabioPendiuk.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT3/EixoI/cenario-politico-curitibano-FabioPendiuk.pdf) >. Acesso em: 10 jun. 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. **O Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

VERON, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980.

_____. L'analyse du contrat de lecture. **Les médias, expériences, recherches actuelles, applications**, Paris, p. 203-229, jul. 1985.

_____. Les médias en réception: les enjeux de la complexité. **Médias Pouvoirs**, Paris, n. 21, p. 166-172, jan./mar. 1991.